AGROANALYSIS

PERIÓDICOS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

VOL. 5 Nº 11 NOVEMBRO DE 1981

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO
DE ECONOMIA

GOMES FREIRE
27.XI.81
DR-RIO

BRASIL CORREIO
CR$ 005,00

FUNDACAO GETULIO VARGAS - SP
ESCOLA ADMINISTRACAO EMPRESAS
BIBLIOTECA KARL BOEDECKER
AV 9 DE JULHO 2029 10. AND
01313 SAO PAULO SP
F116

IMPRESSO

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

COORDENADOR
Tito Bruno Bandeira Ryff

QUADRO TÉCNICO E ÁREAS DE INTERESSE

Fatores de Produção; Infraestrutura; Pecuária
Bruno Marcus Rangel Pessanha
Editoração; Arroz; Cevada; Mamona; Comércio Internacional
Fernando Roberto de Freitas Almeida
Cana-de-Açúcar; Mandioca; Álcool; Serviço de Dados Básicos
Francisco Antônio da Fonseca Menezes
Algodão; Fruticultura; Olericultura
Iracema Bouzas Pessôa
Milho; Feijão; Suinocultura; Avicultura; Serviço de Cadastro
Irene Raguenet Troccoli
Oleaginosas; Trigo; Metais Preciosos
Leila Tendrih de Freitas Almeida
Cacau; Café; Fumo; Moeda e Crédito
Régis Norberto da Cunha Alimandro

QUADRO DE APOIO

Diagramação; Composição; Montagem; Arte-Final
Emerson da Silva Martins
Secretária
Jorgina Leite Lemos
Datilógrafo
Damião Roberto Mattos Pinheiro
Mensageiro
José de Oliveira Melo Júnior
Serviço de Documentação
Maria Eunice Rocha
Estagiários
Benjamin Grosskopf
Cláudia Rodrigues Campos
Cristina Pinho Corrêa
Deborah de Almeida Lima
Edmilson Marques Lana

"Agroanalysis" é uma publicação do Grupo de Informação Agrícola do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, editada com apoio do Banco Central.

Agroanalysis, v.I – ,n. 1 –; 1977 –
Rio de Janeiro, Grupo de Informação Agrícola
v. ilust. 30 cm Mensal (jan. a dez.)

1. Agricultura – Periódicos. I. Grupo de Informação Agrícola
CDU 631 (05)

Grupo de Informação Agrícola
Av. Gomes Freire, 647 – 10º – ZC-58
Fones: 232-5001, 232-6827, 232-8678 e 232-2548
Telex: 212-3840 FGVE BR
20.000 – Rio de Janeiro – RJ
BRASIL

BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
Escola de Administração de
Empresas de São Paulo

AGROANALYSIS

FUNDAÇÃO
GETÚLIO VARGAS

Instituto Brasileiro de Economia

ÍNDICE

Páginas

Comentários

Arroz 2

Café 4

Feijão 5

Laranja 9

Panorama Agropecuário

Acompanhamento das Culturas Temporárias 12

Preços no Mercado Externo... 17

Preços no Mercado Interno ... 19

Preços Relativos 21

NOTA DA EDIÇÃO

Pela primeira vez, nos últimos anos, o país enfrenta o período final de comercialização das principais safras agrícolas sem maiores apreensões no tocante ao comportamento dos preços e com a garantia de um abastecimento regular do mercado interno. A leitura do **Panorama Agropecuário**, *na seção relativa ao mercado interno (pág. 19) permite observar que apenas o frango vivo, dentre os 8 produtos ali listados, registrava, ao final do mês de outubro, um preço superior, em termos reais, ao que vigorava há 12 meses.*

Este comportamento positivo dos preços agrícolas resulta, em geral, de uma expansão da oferta. Outros fatores, no entanto, contribuiram, igualmente, para este resultado. No caso das carnes e do feijão, por exemplo, houve considerável retração do consumo per capita *e, com relação à soja e ao algodão, influência da queda das cotações no mercado externo.*

O comportamento favorável dos preços, contudo, poderá ter um efeito negativo sobre a próxima safra. O **Acompanhamento das Culturas Temporárias** *(pág. 12) mostra que há expectativa de redução da área plantada para o arroz, a soja e o algodão, produtos cujos preços, na safra 1980/81, não foram considerados satisfatórios pelos produtores.*

Por sua vez, os comentários (páginas 2 a 11) aprofundam a análise das questões relativas a 4 produtos: arroz, café, feijão e laranja. No caso do feijão e do arroz são examinadas as perspectivas para a próxima safra. Com relação ao café, discute-se o problema recente das quotas de exportação. E, finalmente, o último comentário, avalia as possibilidades de exportação do suco de laranja brasileiro no próximo ano comercial (junho-maio).

COMENTÁRIOS

ARROZ

Política da CFP auxilia intenções de plantio

Um pouco atrasado pela estiagem ocorrida no Sul do país, há algumas semanas, o plantio do arroz tem progredido em todas as regiões produtoras. As avaliações mais recentes indicam que, dificilmente, a área plantada da safra 1981/82 igualará a da safra anterior (ver Agroanalysis, vol. 5, nº 8) situando-se entre 4,38 milhões de hectares e 4,73 milhões de hectares, no Centro-Sul, contra pouco mais de 5 milhões de ha, em 1980/81.

No Rio Grande do Sul, maior produtor brasileiro, o plantio transcorre normalmente, praticamente sem ter sido afetado pelo atraso, pois o mês de novembro é um bom período para a semeadura do cereal (calcula-se que cerca de 30% da área já tenham sido semeados). Embora não haja indícios de redução da área plantada, no estado, as estimativas sobre a extensão do plantio ainda são contraditórias, havendo alguma preocupação com o nível dos mananciais.

Ainda não foram feitos levantamentos referentes às safras nordestina e amazônica, responsáveis por 27% da área cultivada da safra passada e por 18% da produção total do cereal, em 1980/81. No entanto, é de se esperar que as características do sistema produtivo do Norte/Nordeste, associadas à recuperação dos preços do produto, nos últimos meses, permitam superar o desânimo provocado pelos danos causados pela seca à produção regional. Com efeito, boa parte das perdas verificadas na colheita da safra passada deveu-se à frustração da

QUADRO 1

BRASIL: Estados Selecionados — Preços Médios do Arroz em Casca Recebidos pelos produtores — janeiro a setembro de 1981 e mesmo período de 1980, corrigido para 1981 — Cr$/60 kg

Estado	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set
RS									
1980	1.516,58	1.531,20	1.275,90	1.312,89	1.346,29	1.356,84	1.378,13	1.475,46	1.656,73
1981	891,00	908,18	961,73	1.050,54	1.057,50	1.044,15	1.134,37	1.222,50	1.225,74
MA									
1980	1.168,12	1.149,50	955,49	912,73	1.038,31	1.082,07	1.378,13	1.090,82	1.205,17
1981	911,22	933,45	1.017,06	994,84	961,25	968,95	963,83	1.009,09	1.074,59
MT									
1980	1.232,73	1.182,50	1.040,07	957,20	1.098,00	1.166,38	1.184,24	1.215,19	1.227,18
1981	641,25	639,07	739,07	765,63	761,36	765,63	932,04	977,50	1.103,13
GO									
1980	1.504,43	1.387,10	1.220,36	1.167,48	1.340,35	1.390,54	1.377,89	1.410,49	1.440,08
1981	781,25	756,46	866,74	930,96	917,61	910,84	1.013,32	1.104,50	1.205,49
MS									
1980	1.266,68	1.394,65	1.138,30	1.151,21	1.198,21	1.252,78	1.291,49	1.356,47	1.444,02
1981	781,49	792,33	775,18	790,28	815,19	785,36	839,91	1.039,88	1.076,88

FONTE: SIBRATER.

safra maranhense, reduzida das 1,5 milhão de toneladas inicialmente esperadas, para aproximadamente 1 milhão de t.

A recuperação do mercado, recentemente verificada, poderá atuar como estímulo ao plantio do cereal, embora não tenha sido especialmente vigorosa. O Quadro 1 permite observar que, há pelo menos três meses, os preços recebidos pelos orizicultores, nos principais estados produtores, saíram do marasmo em que se encontravam. No entanto, permanecem abaixo dos preços recebidos nos mesmos meses do ano passado, corrigidos pelo IGP, para 1981.

A ascensão das cotações do arroz ainda se verifica (no Rio Grande do Sul, os preços pagos aos produtores pelo agulhinha, tipo 2, oscilam entre Cr$ 1.500,00 e Cr$ 1.600,00 por 60 kg e, em Goiás, o tipo 2 local alcança até Cr$ 1.470,00/60 kg), em razão da política desenvolvida pela Comissão de Financiamento da Produção. Detentora da maior parte do estoque da safra 1980/81, estimado em 1,1 milhão de t, a CFP optou por não liberá-lo nesta fase, pois, se o fizesse, reduziria ainda mais o interesse pelo plantio do arroz.

Igualmente em nível de atacado, as cotações do produto encetaram uma trajetória rapidamente ascendente, nos últimos quatro meses, bastante distinta de seu comportamento ao longo de 1980. O Quadro 2 é ilustrativo da evolução dos preços do arroz no pregão da Bolsa de Cereais de São Paulo, podendo-se observar, também, o desempenho de seus principais concorrentes em área.

A atual fase de alta dos preços do cereal resulta diretamente da atuação da CFP, remontando à correção do preço de aquisição, de Cr$ 720,00, para Cr$ 950,00/50 kg, em julho. A posterior consecução do objetivo de formação de estoques elevados, permitiu-lhe "regular" o mercado, propiciando uma melhora das cotações, que se elevaram a partir das regiões de produção, onde ocorreu uma competição entre os beneficiadores, pelo produto. Este fato acarretou a paralisação das atividades de diversos pequenos maquinistas, principalmente no Centro-Oeste.

Naquela região, aliás, devido aos problemas de escoamento, os preços do cereal vinham-se movendo de forma extremamente lenta, o que provocou elevada quantidade de operações de AGF. De fato, cerca de 50% do volume da safra mato-grossense e entre 15% e 20% da safra goiana de arroz foram vendidos diretamente ao governo federal (AGF), com boa parte do restante em EGF.

Diante da aceleração da alta dos preços do arroz, criou-se no mercado uma expectativa quanto à distribuição do produto em mãos do governo. Não tendo ocorrido a liberação, os preços continuaram-se elevando e, atualmente, discute-se quando e como ela se fará. Afinal, existe a preocupação com possíveis altas meramente especulativas, que onerem excessivamente o consumidor final (no varejo, o preço do quilograma do produto passou de Cr$ 44,00/kg antes da alta, para Cr$ 60,00/Cr$ 64,00/kg, nos grandes centros consumidores).

QUADRO 2

SÃO PAULO: Variação Acumulada dos Preços no Atacado 1980 e janeiro a outubro de 1981 (%)

	1980	1981
Arroz[1]	29	76
Feijão[2]	218	31
Milho	152	0
Soja	85	58

FONTE: Bolsa de Cereais de São Paulo
[1] Amarelão dos Estados Centrais
[2] Carioquinha Especial

CAFÉ

Polêmica em torno das quotas individuais

Há algumas semanas, entidades representativas do setor rural denunciaram, via imprensa, a ocorrência de "lucros abusivos" na comercialização externa do café brasileiro. Apontaram como causa primária da situação, o sistema de cotas individuais de exportação, instituído recentemente pelo IBC. A partir de então, intenso debate entre governo, produtores e exportadores de café estabeleceu-se. Sem dúvida, os produtores estavam parcialmente corretos na acusação: os ganhos de preços obtidos no mercado internacional pelo café brasileiro nos últimos meses não foram repassados aos cafeicultores. No entanto, diversos fatores, e não apenas o sistema de cotas, provocaram esta situação.

As cotações internacionais sofreram forte elevação durante o 2º semestre de 1981. Influenciaram positivamente esta tendência de crescimento, as geadas de julho, a vigência do Acordo Internacional do Café e o próprio sistema de cotas de exportação, que reduziu a concorrência entre os exportadores brasileiros na disputa pela preferência dos compradores internacionais. O preço interno, no entanto, permaneceu estagnado em termos nominais no período agosto – outubro. Nestes meses, o preço oferecido pelo exportador pouco diferiu do valor líquido resultante da venda de café ao IBC (cerca de Cr$ 8.200/sc) e, em conseqüência, a autarquia já adquiriu aproximadamente 6 milhões de sacas do café colhido em 1981.

Diversos fatores debilitaram a posição do produtor na negociação do preço interno do café beneficiado. Sem dúvida, o próprio sistema de cotas individuais se constituiu em um instrumento favorável ao exportador. Com este sistema, o exportador se tornou capaz de prever com exatidão o montante de suas necessidades futuras de café, bem como o momento em que essas necessidades ocorrerão. A elevada oferta interna e a descapitalização do produtor rural também contribuíram para que as cotações não melhorassem. A colheita de 1981 é calculada oficialmente em 32,1 milhões de sacas (+ 85% do que a de 1980) e não são poucos os que insistem em estimá-la entre 34 e 35 milhões. O produtor encontra-se fortemente descapitalizado em razão das pequenas safras colhidas desde 1975 e dos preços pelos quais foram comercializadas. Por último, o vencimento dos contratos de custeio agrícola, previsto para outubro, provocou pressão adicional de venda.

No entanto, a questão inicial parece ser o fato de o suporte efetivo dos preços internos em outubro ter sido definido apenas pelo preço de garantia líquido oferecido pelo IBC. Por que a promessa de reajuste do preço de garantia, em janeiro, para cerca de Cr$ 13.200/sc (bruto) não exerceu nenhuma influência sobre as cotações do mercado físico? Em outras palavras, qual a razão capaz de induzir o produtor a vender parte de sua colheita, em outubro, por um preço que, sabidamente, era inferior em 32% ao piso mínimo a vigorar dois meses após? Obviamente, porque inexistiam fontes alternativas para enfrentar dispêndios imediatos. Vale dizer, porque o crédito para a comercialização era insuficiente e, não, porque o sistema de cotas trazia benefícios ao exportador.

Como forma de reduzir os atritos dentro do setor cafeeiro, as autoridades estabeleceram, na última semana de outubro, um preço provisório de garantia que vigorará apenas em dezembro e cujo valor por saca foi fixado em Cr$ 11.800,00. A reação do mercado a esta informação foi imediata. Em poucos dias, as cotações se elevaram em cerca de Cr$ 600/sc. No entanto, o produtor pouco se beneficiará deste aumento, pois a demanda interna, até o final do ano, permanece inalterada. Os embarques programados para novembro já estão cobertos em sua quase totalidade. Por sua vez, a cota global para dezembro (cujo registro ainda permanece fechado), não deverá superar a casa de 500 mil sacas de café verde. A partir de 1º de dezembro, o IBC estará comprando café por Cr$ 11.800/sc mas este preço será elevado em cerca de 12% no mês seguinte. Portanto, a demanda interna de café prevista até o final do ano é fraca, o que induzirá o produtor a aguardar 1982 para novamente comercializar sua colheita. A menos, é claro, que a escassez de recursos de crédito para comercialização o impeça, como nos últimos meses, de esperar preços melhores em futuro próximo.

FEIJÃO

Atual equilíbrio no mercado deve-se à redução do consumo

O mercado do feijão tem passado por mudanças tão acentuadas que, em pouco mais de um ano, o equilíbrio entre a oferta e a demanda do produto mudou drasticamente, passando o feijão, de gênero alimentício ruidosamente disputado, a comestível de oferta relativamente folgada. No entanto, esta alteração não deve ser creditada somente ao ganho de 30% havido na produção entre os anos-safra 1979/80 e 1980/81, que só fez trazer de volta a oferta ao seu nível normal. Na verdade, a causa primordial prende-se à retração acentuada que se verificou no consumo deste produto, num espaço de tempo relativamente curto.

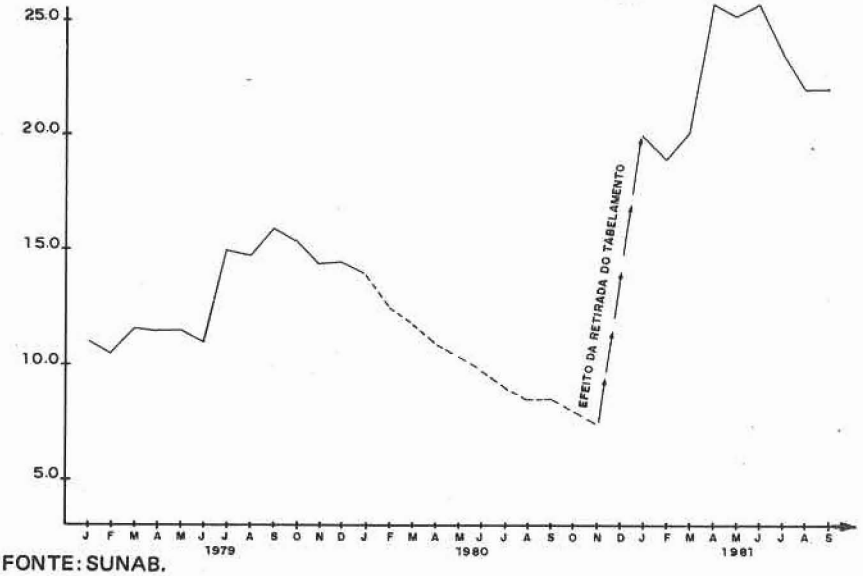
No ano passado, a produção de feijão foi de apenas 1,895 milhão de t, 27% das quais compuseram-se de feijão preto. A este total foi adicionada a importação de 35,9 mil t do produto, que, somadas ao estoque, representaram uma oferta total da ordem de 2,235 milhões de t. O consumo, por sua vez, fora estimado, no início do ano-safra, em cerca de 2,5 milhões de t. Na verdade, além da falta física de cerca de 265 mil t de feijão, o ano de 1980 careceu de uma política de abastecimento que buscasse, na impossibilidade de um pleno atendimento ao consumo, pelo menos um melhor escoamento, tanto da oferta doméstica, quanto do produto importado.

O significativo peso do produto no cálculo do ICV, num ano em que a inflação, já nos seus dois primeiros meses, alcançava 10,4%, levou o governo a tabelar o preço do feijão preto, no Rio de Janeiro, em Cr$ 23,60/kg, de janeiro a agosto. Conforme pode ser apreciado no Gráfico 1, o preço real deste produto sofreu erosão, entre janeiro e novembro do ano passado, da ordem de 61%.

A precariedade do abastecimento de feijão naquela época (inclusive com o reaparecimento do mercado negro do produto) levou as autoridades não só a importarem feijão em plena época de plantio da safra das águas 1980/81, como, também, a manterem a irrealidade do mercado, colocando este produto à venda, de setembro a novembro, por Cr$ 25,00/kg. Ou seja, ao invés de se eliminar o tabelamento, de modo a deixar o preço se ajustar de acordo com as forças vigentes no

GRÁFICO 1

*RIO DE JANEIRO – Feijão Preto, Preço Médio Mensal *Real ** Varejista*
Janeiro de 1979 a Setembro de 1981



FONTE: SUNAB.
* Não houve informação para o mês de dezembro de 1980.
** IGP, col. 2 para janeiro de 1979.
(- - - corresponde às épocas de tabelamento).

mercado, manteve-se o artificialismo de preço.

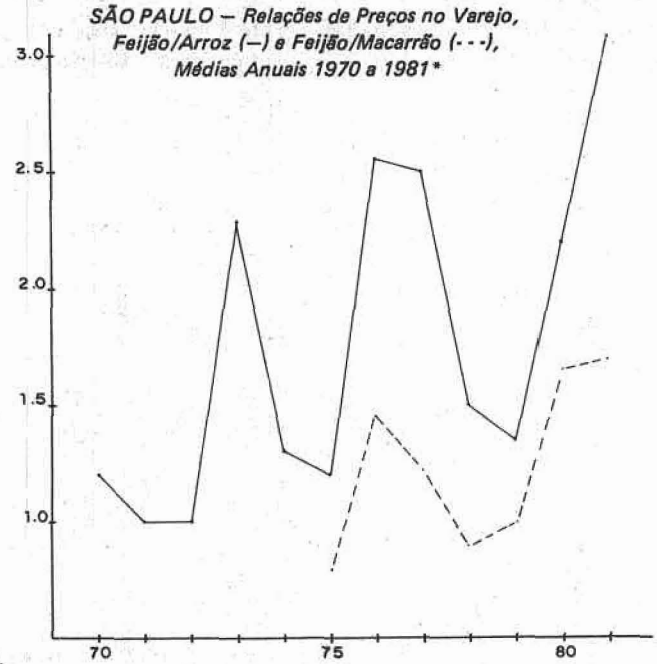
Ressalte-se, também, que a conturbação do abastecimento foi tão grande que, das 35,9 mil t importadas de feijão, em 1980, o governo não chegou a distribuir 21,9 mil t, tamanhas eram as dificuldades de venda enfrentadas pelos estabelecimentos varejistas. Desta forma, entre agosto e dezembro do ano passado, o preço real recebido pelo produtor paranaense de feijão preto revelou aumento acumulado de 82%, enquanto que, em igual período de 1979, houve depreciação de 13%.

Esta distorção criada no mercado pode ser visualizada no Gráfico 2: enquanto a quantidade de feijão que, teoricamente, poderia ser adquirida com o salário mínimo, no ano passado, ampliou-se com o tabelamento, o consumo real caiu assustadoramente. Uma vez retirado o tabelamento, o preço do produto passou a refletir as condições reais da oferta, permitindo um novo equilíbrio de mercado, com o desaparecimento das longas filas do ano passado. Foi graças a esta considerável alta dos preços que, este ano, não chegou a se verificar falta do produto, como indicavam as primeiras estimativas de safra.

O inquietante, contudo, é que *esse equilíbrio entre oferta e demanda* esconde uma forte redução do consumo. De fato, o consumo de feijão, para o ano-safra 1979/80, inicialmente previsto pelas autoridades governamentais em 2,5 milhões de t, ficou em apenas 2,2 milhões de t, em razão da menor oferta do produto. Ou seja, a disponibilidade *per capita*, que fora de 25,7 kg em 1978 e de 24,4 kg em 1979 (ver evolução da produção nacional no Quadro 1), caiu para cerca de 19,4 kg ano passado, queda esta imediatamente acompanhada por aumento do preço do produto no mercado livre paralelo. Da mesma forma, e como se pode ver no Quadro 2, a manutenção destes elevados preços durante 1981 refletiu-se no consumo do ano-safra 1980/81. Assim, mais uma vez, contrariando as expectativas governamentais de que o consumo atingiria o nível de 2,5 milhões de t, este alcançou apenas 2,4 milhões de t, volume correspondente a uma disponibilidade de 20,4 kg, *per capita*. Tudo indica, portanto, que, *presentemente, as classes de renda mais* baixa estejam tendendo, cada vez mais, à substituição da leguminosa por alimentos de preços mais acessíveis.

GRÁFICO 2

*SÃO PAULO — Relações de Preços no Varejo, Feijão/Arroz (—) e Feijão/Macarrão (- - -), Médias Anuais 1970 a 1981**



*janeiro a junho.
FONTE: IEA.
Obs.: Não há disponibilidade de dados de macarrão para o período 1970/74.

No Gráfico 3, encontra-se a evolução das relações de preços feijão/arroz e feijão/macarrão no mercado varejista paulistano, escolhido como amostra não só em virtude da disponibilidade de dados, como pelo fato de o preço do feijão naquela praça não sofrer controle governamental. Observe-se que, de há muito, a relação feijão/arroz encontra-se distante da unidade, tendo-se aproximado, no primeiro semestre deste ano de 3,0. Paralelamente, mesmo com a retirada gradual do subsídio ao trigo, que vem causando elevação paulatina do preço das massas alimentícias, a relação feijão/macarrão, referente ao primeiro semestre deste ano, acusa elevação considerável em relação ao valor médio observado para o ano passado. A evolução do preço real do feijão, no mercado paulistano, nos últimos dez anos (Quadro 3), mostra quão suscetível às alterações de produção é o preço deste alimento.

Em suma, a baixa disponibilidade do produto em 1979/80 e os conseqüentes aumentos do preço do feijão, assim como lançaram as bases de um aumento da área cultivada para a safra 1980/81, contribuíram também para que o país possa, hoje, iniciar a safra 1981/82 com 80 mil t de feijão em estoque, sem, praticamente, haver recorrido a importações este ano.

No entanto, as condições em que se dará a entrada da próxima safra das águas ainda são nebulosas. A expectativa governamental, otimista, é de que a colheita some 1,465 milhão de t, o que, aliado ao estoque inicial, significará uma oferta de 1,545 milhão

QUADRO 1

BRASIL – Produção de Feijão (em t) – 1960 a 1981

Ano	Quantidade	Índice
1960	1.731.000	100.0
1961	1.745.000	100.8
1962	1.709.000	98.7
1963	1.942.000	112.2
1964	1.951.000	112.7
1965	2.290.000	132.3
1966	2.148.000	124.1
1967	2.553.577	147.5
1968	2.418.877	139.7
1969	2.199.974	127.1
1970	2.211.449	127.8
1971	2.463.767	142.3
1972	2.676.225	154.6
1973	2.210.824	127.7
1974	2.238.021	129.3
1975	2.270.747	131.2
1976	1.842.262	106.4
1977	2.327.200	134.4
1978	2.390.000	138.1
1979	2.298.300	132.8
1980	1.895.200	109.5
1981	2.455.000	141.8

FONTES: IBGE, CFP.

QUADRO 2

FEIJÃO – Estimativa de Oferta e Consumo no Brasil (em 1.000 t)

Itens	Safra 1977/78 Total	Safra 1977/78 Preto	Safra 1978/79 Total	Safra 1978/79 Preto	Safra 1979/80 Total	Safra 1979/80 Preto	Safra 1980/81 Total	Safra 1980/81 Preto
Estoque Inicial (1º/10)	438,0	–	445,8	23,5	304,0	22,0	21,9	19,4
Produção Total	2.390,0	702,0	2.298,3	674,5	1.895,2	512,9	2.455,0	665,0
1ª Safra	1.294,5	540,0	1.150,5	472,2	1.000,0	365,2	1.274,0	510,0
2ª Safra	1.095,7	162,0	1.147,8	202,3	895,2	147,7	1.181,0	155,0
Importação Líquida	7,6	1,5	3,6	1,5	35,9	33,4	3,9*	2,1*
Suprimento Total	2.835,8	703,5	2.747,7	699,7	2.235,1	568,8	1.480,8	686,5
Consumo	2.390,0	680,0	2.443,7	677,5	2.213,2**	548,9	2.400,0***	672,0
Estoque Final	445,8	23,5	304,0	22,0	21,9	19,4	80,8	14,5

FONTES: CFP, CACEX.
* Janeiro a Junho.
** Havia sido previsto consumo de 2,5 milhões de t para o ano-safra 1979/80.
*** Havia sido previsto consumo de 2,5 milhões de t para o ano-safra 1980/81, e de 700 mil t para o feijão preto, que deve ter sido de somente 672 mil t.

de t, ou seja, cerca de 61% do consumo previsto para o ano-safra 1981/82. A inevitável tendência de queda dos preços à época de oferta do produto novo, fortalecida pela queda do consumo observada este ano, poderá provocar uma queda, em termos reais, dos preços recebidos pelos produtores. Caso isto venha a ocorrer, haverá desestímulo ao próximo plantio da safra da seca, prejudicando a produção total de feijão que se espera para este ano-safra.

QUADRO 3

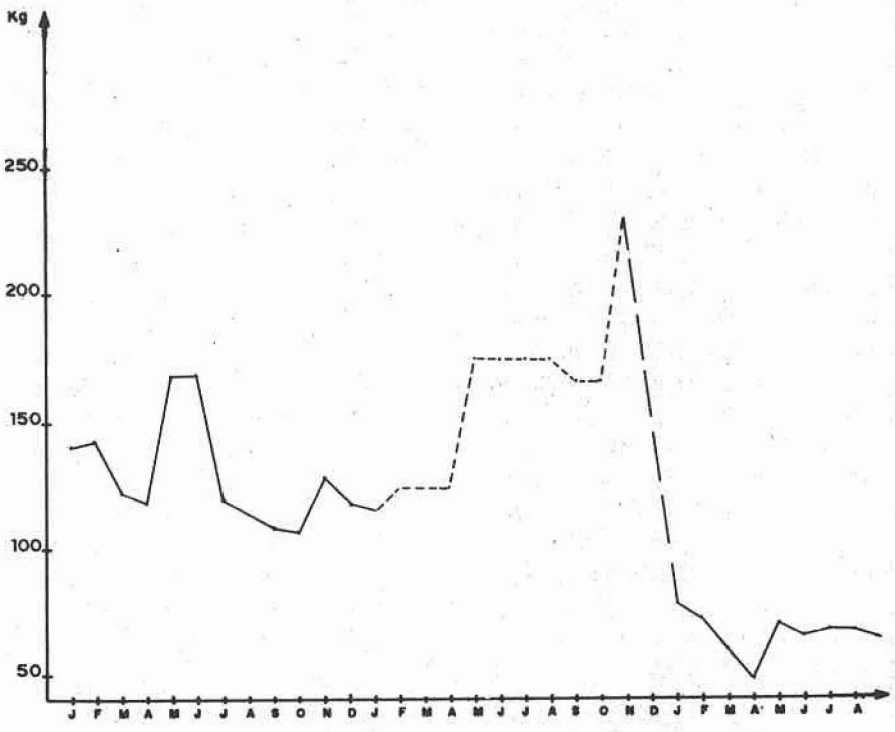
SÃO PAULO – Preços Médios Mensais do Feijão no Varejo de São Paulo – Médias Nominal e Real para 1970 – 1970 a 1981** – Cr$/kg (em Cr$ de 1981)*

Ano	Preço Nominal	Preço Real
1970	1.37	1.37
1971	1.63	1.35
1972	2.03	1.44
1973	5.08	3.13
1974	4.55	2.18
1975	6.18	2.32
1976	13.21	3.50
1977	15.18	2.82
1978	14.23	1.91
1979	21.48	1.87
1980	67.99	2.96
1981**	134.41	3.31

FONTE: IEA.
* deflacionado pelo IGP col. 2 – Conj. Econômica.
** 1º semestre.

GRÁFICO 3

RIO DE JANEIRO – Relação Salário Mínimo Mensal/Preço Feijão Preto no Varejo – Janeiro/1979 a Setembro/1981



FONTES: SUNAB, BACEN.
Obs.: Não houve informação de preço para dezembro de 1980.
(- - - corresponde às épocas de tabelamento)

LARANJA

Busca de novos mercados: uma necessidade para o futuro

A primeira estimativa da safra norte-americana de laranja 1981/82, divulgada pelo USDA no início de outubro, acusa uma produção esperada para a Flórida de 170,2 milhões de caixas de 40,8 kg. Deste total, 4,2 milhões de caixas de laranjas da variedade "*Temple*" destinam-se exclusivamente ao consumo *in natura* e à produção de suco diluído. Além disso, das 166 milhões de caixas restantes, apenas 85% serão dirigidas à indústria, ou seja, cerca de 141 milhões de caixas deverão ser esmagadas nesta próxima safra. Considerando-se o rendimento industrial médio da safra norte-americana 1980/81, ter-se-ia, para 1981/82, uma produção de suco de aproximadamente 170 milhões de galões. Entretanto, logo após ter sido divulgada a estimativa da safra, o USDA alterava o rendimento industrial para 1,36 galão/caixa e, logo em seguida, para 1,46 galão/caixa, o que resultará numa produção de suco de 205 milhões de galões, ou seja, 35 milhões de galões a mais do que a produção prevista inicialmente.

Assim, embora a produção esperada para 1981/82, seja 3,3% inferior à colhida em 1980/81, a produção de suco deverá elevar-se em 15,8%, em virtude da elevação no rendimento industrial. Este aumento já era em parte esperado desde o mês de maio passado, pois a seca que ocorreu em todo o estado da Flórida reduziu o teor de água da fruta e, conseqüentemente, elevou a quantidade de frutos por caixas pois, para que fosse atingido o peso padrão, um número maior de frutos teria que ser colocado em cada recipiente. Além disso, para a próxima safra os processadores conseguiram a redução da graduação limite, até então de 43,2º Brix, para 42,8º Brix, a ser implementada a partir do próximo dia primeiro de dezembro. Foi em virtude destes dois fatores – redução do teor de água na fruta e diminuição do grau de sólidos solúveis – que o USDA projetou o rendimento de 1,46 galão/caixa.

A reação dos preços no mercado de Nova Iorque foi imediata, saindo do patamar de Cr$ 1,31/libra de sólido solúvel para US$ 1,15/libra, uma redução de 12,2% em apenas quinze dias (entre os dias 9 e 23 de outubro). Esta queda pode ser explicada pela maior produção de suco esperada para a safra 1981/82 e pela certeza entre os especialistas do mercado de que o Brasil poderá suprir o mercado norte-americano com a quantidade que for necessária, resultando, assim, numa situação de folga no abastecimento do mercado americano.

Quanto ao consumo interno de suco nos EUA, este apresentou, de janeiro a meados de outubro, uma queda de apenas 2%, em relação a igual período do ano passado. Tal comportamento contrariou as estimativas preliminares do USDA, que revelavam uma queda em torno de 10%, em virtude do aumento de preço esperado para o produto, logo após a geada. Entretanto, como pode ser visto no Quadro 1, o consumo do suco manteve-se quase estável, na medida em que os processadores, depois de elevarem o preço do produto quatro vezes nos dois meses que sucederam a geada na Flórida, optaram por maiores importações e menores preços ao consumidor. Deste modo, impediram que suas fábricas ficassem um período maior fora de operação e garantiram a imagem do produto frente ao consumidor. Assim, embora o preço médio do suco no varejo tenha aumentado 14% este ano, os processadores implementaram várias campanhas promocionais, reduzindo o preço final e evitando a esperada queda nas vendas.

O preço médio, em 1980, foi de US$ 3,60 pela dúzia de latas de 170 gramas e, no período de janeiro a agosto, ficou em US$ 4,10. Pelo Quadro 1, pode-se ver também o movimento mensal de suco no mercado varejista norte-americano e o volume importado mensalmente, onde se constata que o crescimento das importações norte-americanas de suco, em 1981, foi de 326%, no período de 1º de janeiro a meados de outubro. Estas importações deverão apresentar, até o final de 1981, um crescimento ainda maior, chegando a aproximadamente 55 milhões de galões, contrariando as projeções do USDA, que revelavam uma importação entre 40/45 milhões

de galões, até 30 de novembro, quando termina o ano comercial do suco nos EUA.

Para 1981/82, pode-se esperar, inclusive, que estas importações apresentem um aumento, em que pese o excelente rendimento industrial esperado, na medida em que o consumo interno de suco deverá elevar-se, devido à redução prevista para os preços nos níveis de atacado e varejo.

Em 1980/81, com a produção de suco ao final do ano avaliada em 174 milhões de galões, mais o estoque remanescente da safra 1979/80, de cerca de 55 milhões de galões, as importações alcançarão o volume de 55 milhões de galões, o que resultará numa oferta total de 284 milhões de galões (ver Quadro 2). A situação do próximo ano comercial, 1981/82, com o estoque inicial esperado ao nível de 40/50 milhões de galões e uma produção estimada em 205 milhões de galões permitirá que, no mínimo, seja repetida a performance de 1981, no que diz respeito às importações. Além disso, caso o consumo interno nos EUA apresente realmente um aumento em relação a 1981 e o rendimento industrial projetado hoje apresente alguma alteração para menos, as compras externas de suco feitas por aquele país se situarão num patamar superior a 55 milhões de galões.

O consumo *per capita* de suco concentrado de laranja nos EUA tem experimentado um crescimento contínuo nas duas últimas décadas, em que pesem as elevadas quebras verificadas na produção de laranja em 1961/62, 1976/77 e 1980/81. O preço ao consumidor por sua vez, tem experimentado aumentos inferiores aos de outros produtos alimentares, o que vem impulsionando o consumo.

Assim, caso o Brasil mantenha seu atual esquema de vendas, isto é, não ofereça seu produto a preços superiores aos do correspondente no mercado varejista norte-americano, é possível que, no próximo ano, seja escoada para os Estados Unidos uma quantidade superior aos 55 milhões de galões esperados para esta safra. Isto irá garantir ao Brasil a consecu-

QUADRO 1

FLÓRIDA — Quantidades Importadas e Transacionadas de Suco Concentrado de Laranja nos Mercados Atacadista e Varejista — 1º/dez. a 17/out. de 1981 (em galões de 3,15 kg)

	Movimento de suco concentrado no atacado e varejo na Flórida	Importações americanas de suco concentrado
Janeiro	7.781.379	—
Fevereiro	23.844.311	6.965.719
Março	13.069.263	10.160.628
Abril	12.499.146	5.712.784
Maio	18.728.662	10.091.555
Junho	11.718.021	3.598.080
Julho	12.197.970	377.090
Agosto	17.300.000	4.492.183
Setembro	19.324.298	1.312.406
Outubro	13.062.670	1.413.939
TOTAL	203.925.078	51.791.629
Total igual período de 1980	207.955.612	12.161.854
Δ% 1981/1980	(- 2,0)	325,8

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Flórida — FCOJ - Movement and Pack. Unicom News.
NOTA: Os números referentes aos totais mensais relativos aos meses de dezembro, janeiro, junho, julho e agosto não representam o total movimentado nem importado, em virtude da ausência de valores correspondentes às quantidades transacionadas nas semanas findas em 6, 13, 20 e 27 de dezembro; 3, 10, 17 e 31 de janeiro; 6 de junho; 11 de julho e 8 de agosto.

ção de um novo recorde na exportação de suco cítrico no próximo ano, superando o excelente desempenho do setor em 1981.

É interessante observar ao mesmo tempo, que na exportação do produto brasileiro para os EUA, tem sido obtido um preço superior à cotação vigente na Bolsa de Mercadorias novaiorquina, na medida em que os US$ 1.200,00/t conseguidos pelos exportadores, se acrescidos às despesas inerentes à comercialização do produto no mercado norte-americano, em torno de US$ 790,00/t, perfazem um total de US$ 1,990,00/t, equivalentes a US$ 1,39/lb de sólido solúvel. Entretanto, as cotações naquela bolsa têm-se situado entre US$ 1,30/1,20/lb de sólido solúvel. Acrescente-se a isso que, após a estimativa divulgada pelo USDA, as cotações sofreram uma ligeira queda, chegando a US$ 1,12/lb de sólido solúvel, mostrando porém sinais de recuperação já nos últimos dias do mês corrente, quando se situaram ao nível de US$ 1,18/lb de sólido solúvel.

Vale resaltar entretanto, que, embora as cotações tenham-se apresentado em queda após o dia 9 de outubro, já no dia 27 o mercado começava a reagir e verificava-se uma alta de 4%, com os especialistas no mercado acreditando numa retomada dos preços até o nível entre US$ 1,20/1,30/lb de sólido solúvel no curto prazo, patamar sobre o qual as cotações se estabilizariam.

Simultaneamente, os exportadores brasileiros, já nesta safra, estão tentando chegar a mercados consumidores não tradicionais, para que, na hipótese de não ocorrer outra geada neste final de 1981 ou no início de 1982, e os pomares da Flórida se recuperarem em 1982/83, o país consiga escoar com tranqüilidade para o mercado externo a maior parte da sua produção de suco, estimada este mês pelo USDA em 508 mil t para a safra 1981/82. Tal política adquire ainda maior importância diante do fato de que o consumo interno do produto, no curto prazo, não deverá apresentar um aumento significativo. Isto pode ser explicado em parte pelo baixo nível de renda da população e pelos hábitos de consumo, que rotulam o suco concentrado de laranja como um produto industrial, possuidor de substâncias químicas prejudiciais à saúde, imagem que precisará ser desfeita, para que se eleve o nível do consumo doméstico do produto.

QUADRO 2

Flórida — Balanço entre a Oferta e a Demanda de Suco Concentrado de Laranja — 1972/73 a 1980/81 (milhões de galões de 45º brix)

Ano comercial*	Estoque inicial	Oferta total	Consumo	Estoque final
1972/73	25	205	260	45
1973/74	45	220	270	50
1974/75	50	230	180	50
1975/76	50	245	195	55
1976/77	55	235	210	25
1977/78	25	225	195	30
1978/79	30	240	205	35
1979/80	35	265	230	55
1980/81	55	284	208	55[1]

* O ano comercial tem início em 1º de dezembro e término em 30 de novembro.
[1] Projeção do estoque final em 30 de novembro. Os dados referentes ao consumo são relativos ao período de 1º de dezembro a 24 de outubro.
NOTA: Na oferta total estão incluídas as quantidades importadas. Em 1980/81, além dos 174 milhões de galões produzidos internamente haviam sido importados, até 24 de outubro, 55,0 milhões de galões contra 12 milhões, em igual período de 1979/80. O Brix referente à safra 1980/81 foi de 43,2º.
FONTE: FCOJ Movement and Pack.

PANORAMA AGROPECUÁRIO

ALGODÃO

CENTRO-SUL

Início da colheita: fevereiro/março
Pico da safra: abril
Produção prevista: 1,273 a 1,335 milhão de t
Produção da safra 1980/81: 1,36 milhão de t (dado provisório)
Maior produção alcançada anteriormente: 1,675 milhão de t, safra 1971/72
Causas da variação na produção: provável redução da área cultivada em até 6%
Estágio atual da lavoura: fase de plantio
Fatores críticos neste estágio: falta de umidade no solo causada por estiagem prolongada

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

PARANÁ

Variação na área: +6% a +8%
Produção prevista: 583,4 mil t a 584,1 mil t
Safra anterior: 581 mil t
Causas da variação na produção: aumento previsto na área plantada, principalmente em antigas áreas de café.
Estágio atual: Fase final de plantio. Até o final de outubro, 90% da área já estavam com o plantio terminado.
Rendimento médio: 1.780 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

SÃO PAULO

Variação na área: -10% a -14%
Produção prevista: 420 mil t a 401,4 mil t
Safra anterior: 466,5 mil t
Causas da variação na produção: espera-se redução da área, em virtude da expansão da cana-de-açúcar e dos baixos preços praticados em 1981.
Estágio atual: Fase de plantio. Cerca de 60% da área já estão semeados e 40% em fase de preparo.
Rendimento médio: 1.799 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

MINAS GERAIS

Variação na área: -10% a -15%
Produção prevista: 66 mil t a 69,75 mil t
Safra anterior: 65,92 mil t
Causas da variação na produção: redução da área plantada. Os grandes e médios produtores reduziram suas áreas de algodão, em favor da soja e do milho.
Estágio atual: Início de plantio. Até meados de outubro, 80% da área já estavam preparados e cerca de 30% já estavam plantados.
Rendimento médio: 640 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

* Comercialização, em todos os estados já encerrada em nível de produtor.

MATO GROSSO DO SUL

Variação na área: +4% a +5%
Produção prevista: 79 mil t a 80 mil t
Safra anterior: 76,142 mil t
Causas da variação na produção: expansão na área cultivada.
Estágio atual: Até o final de outubro, cerca de 90% da área já estavam plantados.
Rendimento médio: 1.600 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

GOIÁS

Variação na área: -6% a -11%
Produção prevista: 66,3 mil t a 70,2 mil t
Safra anterior: 71,247 mil t
Causas da variação na produção: redução da área de algodão em favor do milho.
Estágio atual: até final de outubro, cerca de 85% da área prevista já haviam sido plantadas.
Rendimento médio: 1.865 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

ARROZ

CENTRO-SUL

Início da colheita: fevereiro
Pico da safra: março/abril
Produção prevista: 6,75 a 7,29 milhões de t
Produção da safra 1980/81: 7,46 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: 7,8 milhões de t (safra 1979/80)
Causas da variação na produção: redução da área plantada, na maior parte das regiões produtoras, devido à frustração da última safra e aos baixos preços praticados na estação.
Estágio atual da lavoura: plantio.
Fatores críticos neste estágio: chuvas, que poderiam atrasar o plantio.

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: 0%
Produção prevista: 2,5 milhões de t
Safra anterior: 2,5 milhões de t
Causas da variação na produção: atualmente, há expectativa de que se repita a área plantada da safra anterior e, se ocorrer aumento na produção, será devido à introdução de variedade mais produtiva (BR/IRGA-409) e ao clima.
Estágio atual: plantio
Rendimento médio: 3.950 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 1.600,00/60 kg

PARANÁ

Variação na área: -12,5%
Produção prevista: 510 mil t
Safra anterior: 658,6 mil t
Causas da variação na produção: redução da área plantada, motivada pelos baixos preços da comercialização passada e pelo esgotamento de áreas novas para o cultivo do cereal.
Estágio atual: plantio, tendo-se plantado, até fins de outubro, 55% da área estimada, embora o normal para o período sejam 75%.
Rendimento médio: 1.700 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 1.400,00 a Cr$ 2.200,00/60 kg, grãos longos; Cr$ 1.200,00 a Cr$ 1.900,00/60 kg, grãos médios.

GOIÁS

Variação na área: -21%
Produção prevista: arroz de sequeiro: 1,09 milhão de t; arroz irrigado: 123,2 mil t
Safra anterior: arroz de sequeiro: 910 mil t; arroz irrigado: 41,4 mil t
Causas da variação na produção: a quebra da safra 1980/81, provocada pela estiagem e os preços baixos das últimas estações provocaram a redução na área plantada.
Estágio atual: plantio, com grande atraso em relação ao desempenho normal no período.
Rendimento médio: 990 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 1.200,00 a Cr$ 1.700,00/60 kg

MATO GROSSO

Variação na área: -5 a -15%
Produção prevista: 1,01 a 1,12 milhão de t
Safra anterior: 1,075 milhão de t
Causas da variação na produção: apesar da redução na área, motivada pelos preços baixos vigentes nas duas últimas temporadas, a recuperação da produtividade média do estado permitirá uma produção semelhante à da safra 1980/81, quando se obteve um rendimento médio de 1.091 kg/ha.
Estágio atual: plantio
Rendimento médio: 1.326 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 1.100,00/60 kg

FEIJÃO

CENTRO-SUL – Safra das Águas

Início da colheita: fins de novembro/dezembro
Pico da safra: janeiro/fevereiro
Produção prevista: 1,465 milhão de t
Produção da safra 1980/81: 1,274 milhão de t
Maior produção alcançada anteriormente: 2.676.225 t (em 1972 – produção referente às duas safras do ano)
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo
Fatores críticos neste estágio: diversas pragas e doenças

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

PARANÁ

Variação na área: +2,9%
Produção prevista: 560/561 mil t
Safra anterior: 532 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada e de 2,9% no rendimento.
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 700 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 3.800,00 a Cr$ 4.000,00/60 kg

SÃO PAULO

Variação na área: +30%
Produção prevista: 188.760 t
Safra anterior: 141 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada.
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo; áreas de plantio precoce: colheita.
Rendimento médio: 650 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 6.200,00/60 kg (feijão novo precoce)

BAHIA – IRECÊ

Variação na área: +17,4%
Produção prevista: 226.710 t
Safra anterior: 193.050 t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual: preparo do solo
Rendimento médio: 750 kg/ha
Preço médio ao produtor: comercialização a nível do produtor já encerrada.

SANTA CATARINA

Variação na área: +13%
Produção prevista: 204 mil t
Safra anterior: 194.286 t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual: todos os estágios
Rendimento médio: 950 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 3.000,00/60 kg

MINAS GERAIS

Variação na área: +7,5%
Produção prevista: 145.163 t
Safra anterior: 141.900 t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada e ligeira queda do rendimento.
Estágio atual: germinação e desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 500 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 4.000,00 a Cr$ 5.500,00/60 kg

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: +5%
Produção prevista: 111.181 t
Safra anterior: 110 mil t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 690 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 3.500,00/60 kg

MILHO

CENTRO-SUL

Início da colheita: fevereiro/março
Pico da safra: abril/maio
Produção prevista: 24.634.500 t
Produção da safra 1980/81: 22.554.500 t
Maior produção alcançada anteriormente: 22.554.500 t (safra 1980/81)
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual da lavoura: variado, predominando o desenvolvimento vegetativo
Fatores críticos neste estágio: chuvas em demasia

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

PARANÁ

Variação na área: +7%
Produção prevista: 5,4 milhões de t
Safra anterior: 5,35 milhões de t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual: germinação e desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 2.348 kg/ha
Preço médio ao produtor: cooperativas: de Cr$ 700,00 a Cr$ 810,00/60 kg; indústrias: de Cr$ 700,00 a Cr$ 750,00/60 kg

MINAS GERAIS

Variação na área: +4,1%
Produção prevista: 2.859.693 t
Safra anterior: 2.948.137 t
Causas da variação na produção: diminuição no rendimento
Estágio atual: plantio e germinação
Rendimento médio: 1.611 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 780,00/60 kg (produto a granel) e até Cr$ 990,00/60 kg (produto ensacado)

SANTA CATARINA

Variação na área: +1,5%
Produção prevista: 3.209.000 t
Safra anterior: 3.161.600 t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 2.750 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 800,00 a Cr$ 850,00/60 kg

SÃO PAULO

Variação na área: +7,8%
Produção prevista: 2.995.000 t
Safra anterior: 2.931.000 t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 2.354 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 900,00 a Cr$ 920,00/60 kg

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: -2,4%
Produção prevista: 3.992.623 t
Safra anterior: 3.914.000
Causas da variação na produção: aumento de 4,5% no rendimento médio
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 2.090 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 700,00 a Cr$ 850,00/60 kg

SOJA

BRASIL

Início da colheita: março
Pico da safra: abril/maio
Produção prevista: 15,1 milhões de t
Produção da safra 1980/81: 15,4 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: 15,4 milhões de t (safra 1980/81)
Causas da variação na produção: ligeira redução na área plantada (-2%)
Estágio atual da lavoura: plantio
Fatores críticos neste estágio: possibilidade de chuvas que atrasem a operação de plantio

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

SÃO PAULO

Variação na área: -5 a -10%
Produção prevista: 941 a 993 mil t
Safra anterior: 1,1 milhão de t
Causas da variação na produção: redução na área plantada em função da concorrência do milho e da cana-de-açúcar
Estágio atual: plantio sendo executado em ritmo normal apesar de um atraso inicial provocado pela falta de chuvas
Rendimento médio: 1.924 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 1.500/sc

PARANÁ

Variação na área: 0 a -5%
Produção prevista: 4,91 a 5,17 milhões de t
Safra anterior: 5,26 milhões de t
Causas da variação na produção: ligeira redução na área plantada
Estágio atual: plantio avançado nas regiões Norte e Oeste e iniciando-se no Centro-Sul do estado.
Rendimento médio: 2.200 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 1.500/sc

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: -5%
Produção prevista: 5,76 milhões de t
Safra anterior: 6,09 milhões de t
Causas da variação na produção: redução da área pela concorrência, principalmente, do milho.
Estágio atual: plantio, que deverá intensificar-se bastante a partir da segunda semana de novembro
Rendimento médio: 1.550 kg/ha
Preço médio ao produtorr: –

MATO GROSSO DO SUL

Variação na área: 0 a +5%
Produção prevista: 1,41 a 1,48 milhão de t (+9,8%)
Safra anterior: 1,35 milhão de t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada e do rendimento por ha
Estágio atual: plantio: aproximadamente 50% da área semeados, até a primeira semana de novembro
Rendimento médio: 1.700 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais)
1 – Posição da última semana do mês
2 – Posição da última quinzena do mês
3 – Posição do mês anterior
4 – Posição um ano antes
5 – Comportamento dos Futuros
6 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Futuros O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	Tendência	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	41,09	12,05	11,66	11,52				11,82		12,45		12,98		13,03		13,28		A corretora C. Czarnikow prevê produção recorde de 96,12 milhões de t para a safra 1981/82, deprimindo os preços.
ALGODÃO 1-1/16" M-Memphis MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	86,35	60,61	60,46	60,72	65,11		65,91			68,19		69,92		71,49				Estimativa do USDA de novembro deverá revelar pequena redução na produção dos EUA. Exportações americanas continuam difíceis com os países asiáticos sendo responsáveis por 90% das compras.
CACAU BAHIA MERC.–N.Y. US$/tonelada Fonte: Unicom	2.157,78	2.027,95	1.960,82	1.898,20			2005,23			2100,14		2139,74		2160,28		2181,55		Cotações deverão recuperar parte das perdas das últimas semanas, em razão da nova sistemática de compras adotada pelo Gerente do Estoque Regulador.
CAFÉ SANTOS MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	128,59	134,77	136,64	140,48			134,78			129,59		126,68		125,77		125,34		Estoque de café em N. Iorque têm declinado rapidamente nas últimas semanas. A relação entre estes estoques e o número de contratos em aberto para dezembro apontam para uma situação de aperto de oferta no curto prazo.

NOTA: Spot de Cacau e Café suspenso. As posições da Última Semana, Última Quinzena e do Mês Anterior referem-se a futuro 1ª entrega.

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudanças, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Futuros O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	Tendência	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	337,08	261,02	257,57	255,88		290,72			309,14		321,28		328,85		333,39		➡	Mercado continua prejudicado pelo lento desenvolver das exportações norte-americanas do cereal, devido às altas taxas de juros e ao dólar forte.
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	807,09	630,40	624,06	620,99	656,49		677,13		699,14		620,17		737,52	741,39	742,82		➡	Término da colheita norte-americana deverá continuar pressionando para baixo os preços apesar de uma ligeira recuperação na demanda.
SOJA FARELO MERC.–CHIC. US$/tonelada Fonte: Unicom	241,59	150,44	177,13	176,13		190,32	194,36		200,66		206,40		212,06	213,91	214,50		➡	Nesta época os produtores de farelo costumam intensificar suas compras. Entretanto as grandes exportações brasileiras de março até agora já podem ter abastecido parte dessa demanda.
TRIGO SOFT RED MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	469,81	397,01	399,39	402,38		432,50			459,49		468,08			463,99	475,60		➡	Intensificação recente das compras soviéticas de trigo norte-americano. Problemas climáticos na safra argentina afetarão as exportações daquele país.

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais)
1 – Posição da última semana do mês
2 – Posição da última quinzena do mês
3 – Posição do mês anterior
4 – Posição um ano antes
5 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Tendência	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 6–Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Mercadorias de SP	3.592,76	2.271,14	2.414,40	2.428,80	➡	Prorrogação de 50% dos EGF'S vencidos por 30 dias e a isenção do ICM para o algodão exportado até 31 de março deverão sustentar os preços. Indústria deverá elevar nível de compras.
ARROZ Amarelão - Est. Cen. MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	3.315,79	2.995,24	3.172,50	3.250,00	➡	Mercado em acomodação, diante da próxima liberação dos estoques governamentais.
CAFÉ **Tipo 6** **MERC. – SP** **Cr$/sc. 60 kg** **Fonte: Bolsa de Mercadorias de São Paulo**	13.187,77	9.838,57	9.848,10	9.953,00	➡	Alta moderada das últimas semanas deverá persistir, e até se acelerar, em razão do novo preço de garantia e da expectativa de abertura do registro para dezembro e janeiro.
BOI GORDO – MERC. – Pres. Prud. Cr$/arroba Fonte: IEA-SP	3.620,84	2.785,71	2.900,00	2.800,00	➡	Fase final da entressafra. Dificuldade de repasse dos preços no mercado retalhista.

Corrigidos pelo IGP, col. 2 – Conjuntura Econômica-FGV.
NOTA: Cotações de Algodão correspondem a 1º Futuro.

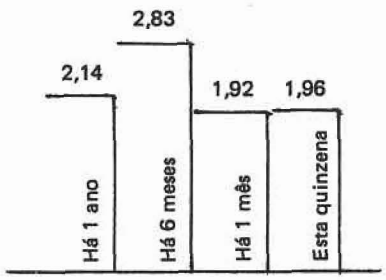
As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza sujetiva, sujeitas a mudanças, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Tendência	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Carioquinha Especial MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	8.675,54	6.150,00	6.150,00	6.150,00	→	Demanda não reage e proximidade da entrada do produto novo mantém mercado desaquecido.
FRANGO Vivo MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	73,00	75,45	76,50	76,50	→	Recentes aumentos do preço do milho e expectativa de reação sazonal da demanda de fim de ano deverão levar ao aumento do preço da ave.
MILHO Amarelo Semiduro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	1.409,43	847,38	917,50	953,00	→	Atraso do plantio praticamente eliminou a safrinha de milho criando expectativa de aumento dos preços.
SOJA - GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	1.677,34	1.449,05	1.479,00	1.485,00	→	Tendo em vista o compasso de espera das cotações internacionais, os preços internos deverão evoluir basicamente ao ritmo das desvalorizações cambiais.

Corrigidos pelo IGP, col. 2 – Conjuntura Econômica-FGV.

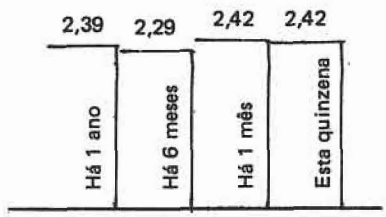
PREÇOS RELATIVOS – MERCADO EXTERNO

Algodão / Soja



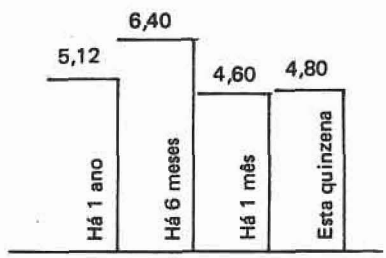
Manteve-se praticamente inalterada, esta quinzena, a relação de preços algodão/soja em comparação com aquela de há um mês, uma vez que não só a cotação internacional do algodão manteve-se estável no período, como também o preço da soja revelou apenas ligeira queda de 1,6%. Esta desvalorização do preço da leguminosa, embora seja normal (uma vez que a colheita da safra norte-americana está-se aproximando do fim), era esperada como mais acentuada, dado que a demanda internacional é fraca e a colheita daquele país vem-se revelando elevada. Tal não aconteceu, no entanto, porque os sojicultores dos EUA têm diminuído suas vendas do produto, visando a evitar maiores quedas de suas cotações.

Soja / Milho



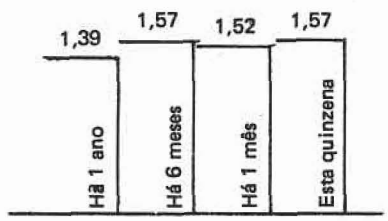
Repetindo o patamar imediatamente anterior, o preço relativo soja/milho desta quinzena é, no entanto, 1,3% superior ao de há um ano. A pressão que o volume da safra recorde norte-americana (205,3 milhões de t) vem fazendo sobre a cotação deste cereal pode ser mensurada através da comparação do seu valor atual com aquele de um ano antes (-24,1%), o que levou o governo norte-americano a incluir no programa de reserva de grãos o milho da safra deste ano.

Algodão / Milho



A ligeira recuperação de 2,4% registrada no preço relativo algodão/milho desta quinzena frente àquele de um mês antes, deu-se em função, basicamente, do decréscimo mencionado no preço do cereal. Isto porque o preço do algodão norte-americano manteve-se estável no período, em função de chuvas que vêm ocorrendo no estado do Texas e que lançaram ligeira incerteza sobre as conseqüências que poderão vir a ter sobre a grande safra da fibra, esperada naquele país. Além do mais, as exportações norte-americanas deste produto encontram-se dificultadas face à firmeza do dólar, o que vem preocupando as autoridades deste país maior exportador mundial de algodão.

Trigo / Milho

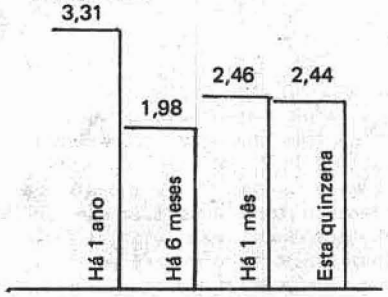


Idêntico àquele de há 6 meses, o preço relativo trigo/milho desta quinzena recuperou-se ligeiramente em comparação com o de um mês antes. Ao mencionado decréscimo no preço do milho, correspondeu valorização de 1,4% do preço do trigo esta quinzena, em função da manutenção das compras soviéticas deste cereal e das notícias de ocorrência de seca nas áreas produtoras argentinas, o que poderá prejudicar sua safra, parte da qual já comprometida para venda à URSS.

FONTES: Algodão: Unicom, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Unicom, Commodity Year Book.

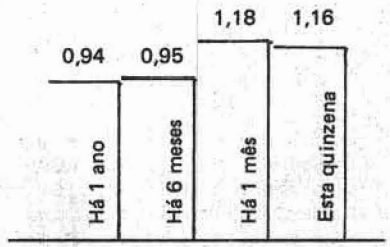
PREÇOS RELATIVOS – MERCADO INTERNO

Boi Gordo / Frango Vivo



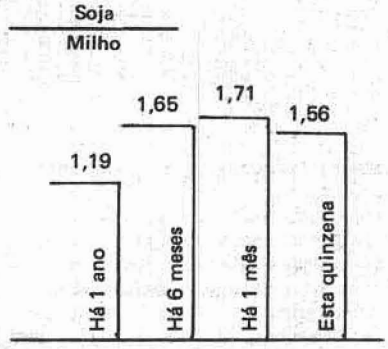
Manteve-se praticamente inalterado, esta quinzena, o preço relativo boi gordo/frango vivo, em comparação com aquele de há um mês. O preço do boi gordo, que subira a partir da seca que afetou os pastos em meados do ano, decresceu 3,5% esta quinzena, em comparação ao valor de um mês antes, após ter atingido o preço desejado pelos pecuaristas, o que levou a uma maior oferta de animais para o abate. Paralelamente, o preço do frango vivo, que se mantinha em patamar desincentivador à produção, conseguiu elevar-se em 1,4%, o que explica o novo nível deste preço relativo.

Frango Vivo / Ração Ave Corte



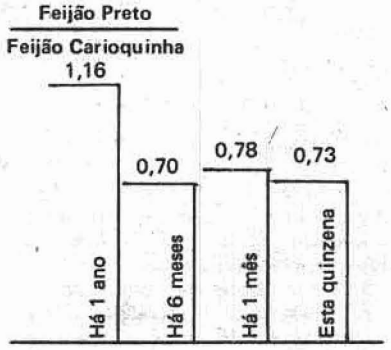
Esta quinzena, a lucratividade dos avicultores, conquanto mais elevada do que aquela de há um ano e de há 6 meses, acusou queda de 1,7% em comparação com a de 30 dias antes, uma vez que o preço da ração para ave de corte revelou aumento de 4,0% no período, em decorrência da rápida elevação observada no preço do milho. É interessante observar que o atual nível desta relação de preços é 23,4% mais elevado do que aquele verificado há um ano (em que pese a situação atual da avicultura ser mais difícil, hoje) o que se justifica pelo fato de o preço do milho, ter permanecido deprimido até início de outubro, em função do volume da safra 1980/81 e da relativa retração da demanda.

Soja / Milho



A ligeira queda observada, esta quinzena, no preço relativo soja/milho em comparação com aquele de há um mês, deveu-se à maior valorização observada no preço do cereal do que na cotação da leguminosa. O preço do milho, que, desde meados do ano, vinha-se mantendo em níveis baixos, começou a denotar reação a partir da confirmação de que o atraso no plantio da safra 1981/82 havia levado à virtual supressão da "safrinha" no Sul, aquecendo o mercado. Já no caso da soja, a elevação de 2,5% verificada, esta quinzena, contra o preço de há um mês, registra-se como normal a esta altura do ano, visto já se encontrar todo o produto colhido e comercializado.

Feijão Preto / Feijão Carioquinha



Bastante inferior (37,1%) ao patamar de há um ano, o preço relativo feijão preto/feijão carioquinha continua a demonstrar como as cotações do feijão preto vêm-se mantendo inferiores às daquele feijão de cor, situação tradicional, mas que se invertera, na medida em que a quebra da safra 1979/80 e o tabelamento frustrado do preço do feijão preto levaram a uma valorização do preço desta variedade. O fato de o atual preço relativo ser inferior àquele de há um mês evidencia a queda de 6,3% observada no preço do feijão preto, em decorrência da retração do consumo que vem pressionando o mercado de feijão, em geral.

FONTES: Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Vivo e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agr. SP e APA. Feijão Preto, Feijão Carioquinha, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

Impresso na

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRAFICAS
RUA RIACHUELO ,128 TEL. 222-3359

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 — Caixa Postal: 9.052 — ZC–02
Tel.: 551-1542
CEP: 22.250 — Rio de Janeiro — RJ

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Carlos Medeiros Silva, Eugenio Gudin, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, José Joaquim de Sá Freire Alvim e Octávio Gouvêa de Bulhões

CONSELHO CURADOR
Presidente: Alberto Pires Amarante
Vice-Presidente: João Carlos Vital
Membros: Aldo Batista Franco, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antônio Garcia de Miranda Neto, Antônio Ribeiro França Filho, Apolônio Jorge de Faria Salles, Celso Timponi, Cezar Reis de Cantanhede e Almeida, Estado de São Paulo, Francisco Montojos, Heitor Campello Duarte, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, Instituto de Resseguros do Brasil, José de Nazaré Teixeira Dias, Embaixador Manoel Pio Corrêa Jr., Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rafael da Silva Xavier, Rubens d'Almada Horta Pôrto, Theodoro Arthou.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

COMISSÃO DIRETORA
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Vice-Presidente: Mario Henrique Simonsen
Membros: Eugenio Gudin, Janes Angelo de Souza, Julian Magalhães Chacel e Mario Henrique Simonsen
Assessor de Direção: Jorge Kingston

DEPARTAMENTO DE ENSINO:
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Mario Henrique Simonsen

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS:
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Divisão de Contabilidade Social:
Diretor: Angelo Jorge de Souza
- Centro de Contas Nacionais: Ralph Miguel Zerkowski
- Centro de Estudos Fiscais: Margaret Hanson Costa
- Centro de Estudos Industriais: Eden Gonçalves de Oliveira

Divisão de Estatística e Econometria:
Diretor: Janes Angelo de Souza
- Centro de Estudos Agrícolas: Sylvio Wanick Ribeiro
- Centro de Estatística Econômica: Roberto Maia de C. Abib
- Centro de Processamento de Dados — Eugênio Decourt

Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional — Antônio Carlos Lemgruber

Não sendo encontrado o destinatário, devolver ao
GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRICOLA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
Av. Gomes Freire, 647 – 10º andar
ZC-58 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL